

## Aprender de novo: Comunidade de migrantes em áreas informais\*

Por Lúcio Jorge Hammes\*\*

Por Dilceu Locir Witzke\*\*\*

### Resumo:

Esta comunicação faz parte da pesquisa “Estudo sobre a pobreza e a condição social de áreas invadidas em São Leopoldo – COREDE do Vale do Sinos” em que procuramos mapear a situação da população das áreas invadidas do Município de São Leopoldo, sendo que as análises têm como foco a Região Nordeste de São Leopoldo. A pesquisa tem como principais objetivos: conhecer as causas e as conseqüências da (des)ocupação, bem como as vivências sociais, comunitárias e as potencialidades da população. Estudamos ainda as relações que as pessoas estabelecem entre si e as formas como significam os espaços educativos formais, não-formais e informais em que participam. Na interpretação dos dados, procuramos relacionar a experiência da migração como a mitologia grega sobre as invenções de Dédalo e os aprendizados que se desenvolvem na convivência em áreas informais.

### Palavras-chave:

Migrante – sonho – mitologia – dignidade - educação.

### Introdução

O relatório nacional Direitos humanos à moradia adequada e à terra urbana, coordenado por Nelson Saule Junior<sup>1</sup>, revela um déficit habitacional do Brasil de 6,6

---

\* Texto preparado para II Seminário Internacional de Estudos Interculturais na FEEVALE, durante os dias 16 e 17 de outubro de 2006.

\*\* Graduado em Filosofia e Teologia, mestre em Teologia e Doutor em Educação, integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas do Protestantismo (NEPP), professor adjunto da Universidade Federal do Pampa. Integrante do grupo de pesquisa sobre pobreza e a condição social de áreas invadidas em São Leopoldo – COREDE do Vale do Sinos. Atualmente, é pesquisador voluntário do projeto. E-mail: [luciojh@gmail.com](mailto:luciojh@gmail.com)

\*\*\* Graduando em teologia pela Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, RS, participante do Programa de Iniciação Científica da FAPERGS no projeto “Estudo sobre a pobreza e a condição social de áreas invadidas em São Leopoldo – COREDE do Vale do Sinos”. E-mail: [dilceuest@hotmail.com](mailto:dilceuest@hotmail.com)

milhões de moradias, dos quais, 5,3 milhões encontram-se em áreas urbanas e 1,2 milhão em áreas rurais. O relatório mostra também que mais de 10 milhões de domicílios são carentes de infra-estrutura e 84% do déficit habitacional brasileiro é concentrado nas famílias com renda de até três salários mínimos. É importante ressaltar que, em relação aos direitos, o Brasil evoluiu nos últimos 20 anos, devido à constituição de um marco legal e institucional que possibilita a implantação de políticas e sistemas de proteção do direito à moradia, especialmente para os grupos considerados vulneráveis pelas condições sociais, econômicas, culturais, de idade e de gênero a que estão submetidos. Dos fundamentos da responsabilidade do Estado brasileiro de promover a proteção do direito à moradia, destacam-se o direito à segurança, de viver com paz e com dignidade.

Conforme Saule Junior<sup>2</sup>, os direitos à dignidade, à segurança e à paz dependem da garantia na ordem jurídica do cumprimento dos componentes do direito à moradia, para que ela seja, de fato, adequada. Estes componentes são os seguintes: a *Segurança Jurídica da Posse* (todas as pessoas devem possuir um grau de segurança de posse que lhes garanta a proteção legal contra despejos forçados, expropriação, deslocamentos, e outros tipos de ameaças); a *Disponibilidade de Serviços e Infra-estrutura* (acesso ao fornecimento de água potável, fornecimento de energia, serviço de saneamento e tratamento de resíduos, transporte, iluminação pública); o *Custo da Moradia Acessível* (a proporcionalidade entre os gastos com habitação e a renda das pessoas, a criação de subsídios e financiamentos para os grupos sociais de baixa renda, a proteção dos inquilinos contra aumentos abusivos de aluguel); a *Habitabilidade* (condições físicas e de salubridade adequadas); a *Acessibilidade* (por grupos vulneráveis, como os grupos sociais empobrecidos, mulheres, portadores de direitos especiais, vítimas de desastres naturais ou de violência urbana); a *Localização*

---

<sup>1</sup> SAULE JUNIOR, Nelson. Direitos humanos à moradia adequada e à terra urbana. In: RODRIGUEZ, Maria Elena (Coord.) *Relatórios Nacionais em Direitos Humanos Econômicos Sociais e Culturais – informe 2004*. Disponível em: <[www.ibam.org.br/publique/media/volume1.pdf](http://www.ibam.org.br/publique/media/volume1.pdf)>. Acesso em: 15/072006.

<sup>2</sup> SAULE JUNIOR, 2004.

(acesso às opções de emprego, de transporte público eficiente, de serviços de saúde, de escolas, de cultura e de lazer) e a *Adequação Cultural* (respeito à diversidade cultural e aos padrões habitacionais oriundos dos usos e costumes das comunidades e grupos sociais).

Os governos vêm tratando este problema (déficit habitacional) com programas e linhas de financiamento, não conseguindo o êxito esperado. Como exemplo, pode-se citar a criação do BNH (Banco Nacional da Habitação), em 1964, com o objetivo de coordenar a ação dos órgãos públicos e orientar a iniciativa privada no fomento e estímulo à construção de habitações de interesse social, financiando a aquisição de casa própria (dando ênfase, pelo menos no plano teórico, as populações de média e baixa renda).

O Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM – revela que, a partir do final da década de 1970, há uma reversão de tendências no enfrentamento por parte do poder público dos problemas urbanos e sociais gerados pela expansão e crescimento das favelas em todo o território nacional<sup>3</sup>. As expulsões violentas e remoções forçadas foram sendo gradualmente substituídas pela relativa tolerância dessas formas de ocupações ilegais, culminando com o reconhecimento oficial de algumas áreas de favelas e dos direitos das comunidades que nelas vivem, passando a privilegiar a urbanização das áreas cuja ocupação já estava consolidada.

No entanto, o déficit habitacional brasileiro vem se agravando, provocando a ocupação de áreas alheias, ou assentamentos informais (favelas, mocambos, alagados

---

<sup>3</sup> A experiência brasileira de urbanização e regularização urbanística e fundiária dos assentamentos informais desenvolvida ao longo das duas últimas décadas, basicamente por iniciativa dos municípios, representa acervo importante de lições apreendidas a ser aproveitado como insumo para a definição de uma política pública que envolva a União, os Estados e Municípios, bem como, Poder Executivo, Legislativo e Judiciário, na perspectiva de ampliar as ações do governo em todo território nacional com vistas a reduzir a informalidade urbana e melhorar as condições de vida, moradia e trabalho da população pobre.

e loteamentos clandestinos)<sup>4</sup> em decorrência do crescimento da pobreza urbana, da incapacidade das famílias de baixa renda adquirirem uma moradia adequada no mercado e da insuficiente produção de habitações de interesse social, promovida pelo poder público ou privado. Tal quadro agrava outros problemas, tais como as questões habitacionais, urbanas, ambientais e sociais<sup>5</sup>.

Esta situação está sendo acompanhada por um grupo de pesquisadores, a partir da EST, em parceria com a prefeitura de São Leopoldo, com um projeto apresentado ao COREDE Vale do Sinos, com os moradores de áreas invadidas da região nordeste de São Leopoldo, especialmente a Vilas Brás e a Camélias<sup>6</sup>. Visa investigar e problematizar a situação de pobreza e condição social das populações de áreas invadidas na região do Vale do Rio dos Sinos.

Com um semestre de atividades, muitas visitas, encontros com as lideranças da prefeitura e das comunidades e, com as entrevistas em profundidade concluídas, partilhamos os dados, ainda em processo de interpretação. Acreditamos que o mito de Ícaro pode contribuir para entender o fenômeno da migração, decepção, esperança e quedas.

## **Quando as portas se fecham, migrar se torna a alternativa**

Os dados da pesquisa sobre a pobreza e a condição social de áreas invadidas em São Leopoldo, estão revelando que muitas pessoas são sistematicamente

---

<sup>4</sup> O IBGE define aglomerado subnormal (favela e outros) da seguinte forma: “conjuntos constituído por unidades habitacionais (barracos, casas,...), ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terrenos de propriedade alheia (pública ou particular), disposto em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais. O que caracteriza um aglomerado subnormal é a ocupação desordenada e que quando da sua implantação não houvesse posse da terra ou título de propriedade”.

<sup>5</sup> LARANGEIRA, Adriana (Coord.). *Estudo de Avaliação da Experiência Brasileira sobre Urbanização de Favelas e Regularização Fundiária*. Rio de Janeiro: IBAM/Banco Mundial. 2002. 3 v.

<sup>6</sup> O grupo de pesquisadores é constituído pelo professor Oneide Bobsin (Coord.), Lodi Uptmoor Pauly, Viviane Klaus, Dilceu Locir Witzke e Lúcio Jorge Hammes.

obrigadas a se mudar de uma região para outra. Os motivos são os mais diferentes, normalmente relacionados à situação de empobrecimento das famílias. Esta situação estimula à pesquisa e necessita ser analisada em profundidade para que as políticas públicas se tornem eficazes, em busca de soluções para os problemas.

A mitologia sobre Dédalo contribui para análise do fenômeno da migração das pessoas para as áreas informais. Ao perceber que há possibilidades de uma vida melhor em outro ambiente, as pessoas buscam sair e experimentam o novo, não reconhecendo os perigos que também os aguardam. Aprendem na relação com o outro e se entusiasmam com a aventura. Dédalo, Ícaro e a experiência da libertação da prisão com um vôo espetacular e trágico mostram o desejo profundo do ser humano de superar limites e experimentar a liberdade.

Na mitologia, o arquiteto e mecânico Dédalo é reivindicado pelos atenienses como filho do rei Erecteu. Teria inventado o nível, a broca e as velas dos navios e soube dirigi-los com o vento. No entanto, por ciúme teria matado um sobrinho seu, a quem ensinou os seus segredos, e que, por sua vez, inventou a serra e a roda de oleiro. Por causa deste assassinato, Dédalo e seu filho Ícaro foram obrigados a deixar Atenas, sendo acolhido por Minos, rei da Ilha de Creta.

Minos, para ser bem recebido pelos súditos, declarou-lhes que Netuno lhe concede tudo quanto ele deseja, e para dar-lhes a prova pediu ao deus dos mares que lhe enviasse um touro, o qual seria em seguida sacrificado. No mesmo instante, um magnífico touro branco saiu do mar que pareceu tão belo para Minos que, em vez de sacrificá-lo, mandou que o guardassem no seu rebanho e imolou outro. Contudo, Netuno não aceita tal ultraje e incumbe Vênus de vingá-lo. A deusa, então aflige Pasife, a esposa de Minos, com uma irresistível paixão pelo formoso animal. De Pasife nasce, alguns meses mais tarde, um monstro com corpo de homem e cabeça de touro, chamado Minotauro, que se nutre de carne humana.

O rei então chama Dédalo, ateniense habilidoso e um inventor genial, e seu filho Ícaro, há pouco acolhidos em seu reino, e dá ordens a fim de construir uma morada para Minotauro. Do cérebro fértil de Dédalo brota a idéia de construir um enorme recinto cujo interior possuía mil giros, de sorte que era quase impossível dali sair, uma vez que se entrasse. É o lugar que passou a ser chamado Labirinto. Bem no centro desta prisão, esconde-se o Minotauro que se alimenta de carne humana.

Apenas Dédalo e Ícaro conhecem seu segredo. Como Minos quer ter certeza de que eles jamais irão revelá-lo a alguém, resolve trancá-los no Labirinto. Para evitar que possam fugir pelo mar, manda vigiar o litoral. Certo de que Dédalo está para sempre sob seu poder, o tirano sente-se tranqüilo. Mas Dédalo manda Ícaro trazer todas as penas de pássaros que achar, enquanto constrói armações para dois pares de asas. Quando Ícaro encontra a quantidade de penas suficientes, costura as grandes na armação e cola as pequenas com cera. Ao concluir, Dédalo diz a Ícaro: “Meu filho, vamos sair desta prisão. Com nossas asas, atravessaremos o mar e encontraremos refúgio em alguma parte”. E recomendou: “cuida, meu filho, de voar sempre no meio dos ares; se desceres muito, a umidade da água tornará muito mais pesadas as tuas asas; se te ergueres demais, o calor do sol as queimará; mantém-te, por conseguinte, no justo meio entre os dois extremos”. Ícaro promete seguir os conselhos do pai.

Os dois dirigem-se a um lugar de onde será fácil levantar vôo e ajustam as asas. Aproveitando o vento, Dédalo lança-se aos ares, gritando: “Siga-me, Ícaro! Venha logo! E não se afaste...” Como um passarinho que segue o vôo à mãe, Ícaro vai atrás de Dédalo. No início, desajeitadamente. Aos poucos, porém, adquire mais confiança. Ora batendo as asas, ora planando, pai e filho se afastam de Creta. Num instante estão sobre o alto mar.

Ícaro se embriaga pelo prazer de voar e começa a atirar-se para frente, e abandonou o guia, para subir mais. Então, os raios ardentes do Sol derretem a cera que prendia as penas das asas. Uma a uma, as penas se soltam e se vão com o vento.

E, foi inútil para ele remexer os braços para suster-se e chamar o pai em auxílio. A queda é inevitável: Ícaro cai e morre. Dédalo, que perdera de vista o filho, chamou-o em vão. De repente, vê lá embaixo uma porção de pena, espalhada sobre a crista das ondas. De imediato, o pai compreende o que aconteceu. Fica voando em círculos sobre o lugar da catástrofe, até que encontra o corpo de Ícaro e o leva à ilha mais próxima, onde o enterra.

Nas caminhadas pelos bairros pobres das nossas cidades, constata-se que tais tragédias se renovam com muitos emigrantes de hoje. A situação precária faz com que pais e filhos procurem dignidade ou alternativas de sobrevivência. Sonham com um mundo melhor para si e seus filhos! E, por acreditar na sua capacidade, vão à luta, superando os obstáculos que a realidade esconde. Contudo, muitos filhos (e pais) caem diante de uma realidade que é dura! Já nem podem mais sonhar. Sabem que o sonho de uma vida digna é distante demais e ficam no caminho pais e filhos, somando-se a outros tantos nos perigosos vôos da migração em busca da liberdade e da dignidade.

## **Educação como esperança para criar referenciais**

Para os migrantes, especificamente de áreas informais, a educação tem um valor todo especial. A escola normalmente é o centro para onde converge a vida da comunidade. É sinal de esperança de uma vida melhor, lugar onde se aprende a viver em sociedade.

As tradições judaico-cristã e greco-romana deixaram-nos uma proposta de educação (das crianças e jovens) especialmente a partir da tradição e do aprendizado. Sobretudo, o povo hebreu tinha mandamentos e orientações para as gerações mais novas. Essa proposta educacional chega até às portas do século XX, quando a escola se torna instituição obrigatória e universal, assumindo um papel decisivo na

formação das pessoas e se cristalizam as idades da vida específica como crianças, jovens e adultos.

Ahlert<sup>7</sup>, ao fazer um estudo sobre a eticidade da educação, chama atenção que para o povo hebreu, educar tem a ver com instruir e disciplinar. Inicialmente, a educação era realizada pelas mães, que ensinavam às crianças os cantos litúrgicos, as orações e alguns princípios gerais sobre a moralidade. Para esse povo, educação e religiosidade formavam um conjunto. Por isso, podemos ler nos textos do Antigo Israel:

Tu que a tantos davas lições e fortalecias os braços inertes (Jó 4.3);

Portanto, reconhece no teu coração que Iahweh teu Deus te educava, como um homem educa seu filho, e observa os mandamentos de Iahweh teu Deus, para que andes nos seus caminhos e o temas (Dt 8.5-6).

Escuta, meu filho, a disciplina do teu pai, não desprezes a instrução da tua mãe (Pr 1.8).

Pois o preceito é uma lâmpada, e a instrução é uma luz, e é um caminho de vida a exortação que disciplina (Pr 6.23).

Toma por modelo as sãs palavras que de mim ouviste, com fé e com o amor que está em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito, por meio do Espírito Santo que habita em nós (Tm 1.13).<sup>8</sup>

Também entre os gregos, a educação e o conhecimento são acessíveis para todos. Mas tal educação, como representa o mito sobre Dédalo, refere-se aos adultos que sabem e ensinam os mais moços. O ensinamento dos três grandes filósofos gregos (Sócrates, Platão e Aristóteles) é ilustrativo pela sua influência na formação do pensamento Ocidental.

Sócrates, nascido em Atenas no ano 470 a.C., desenvolveu sua filosofia, abrindo-se para o diálogo, especialmente pela ironia e pela maiêutica. Seu pressuposto era: “só sei que nada sei”. Acreditava que a virtude devia ser

---

<sup>7</sup> AHLERT, Alвори. *Eticidade da Educação: o discurso de uma práxis solidária/Universal*. Ijuí (RS): Ed. UNIJUÍ, 1999. p. 23.

<sup>8</sup> As abreviações e citações são da *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo: Paulinas, 1985).

transmitida de pessoa para pessoa através da educação. Platão, principal discípulo de Sócrates, em *A República*, depois do mito da Caverna, se referiu assim a capacidade de aprender:

O presente discurso nos faz ver que todos possuem em sua alma a faculdade de aprender, com um órgão a isso destinado; que todo o segredo consiste em separar esse órgão, com toda a alma, da visão do que nasce para a contemplação do que é, para que se possa fixar sua visão no que há de mais luminoso, iluminado do ser; isto é, segundo nós, no bem.<sup>9</sup>

Aristóteles, discípulo de Platão, toma depoimentos de pessoas nas praças e ruas em diferentes cidades gregas e desenvolve a lógica formal e os conhecimentos universais, pois o intelecto capta nas coisas (entes particulares) o que elas têm de inteligível, estabelecendo-se desta forma um plano de homogeneidade. Ele desenvolve e ensina a metafísica, a ética, a poética, a física e as ciências naturais.

Essas culturas (greco-romana e judaico-cristã) favorecem um tipo especial de educação: transmissão de valores e saberes com o *aprendizado*, graças à coexistência da criança ou do jovem e dos adultos. O mais jovem aprende, ajudando os adultos a fazê-las. Embora a consciência da especificidade da infância e juventude estivesse presente na Antigüidade Clássica, há um vínculo social, através do qual a juventude aparece como configuração própria somente com a experiência moderna, onde a escola ocupa um lugar todo especial<sup>10</sup>.

Na América Latina, esta experiência adquire um sentido especial com a educação popular e a comunhão de vida e de saberes. Mesmo exilado no Chile, Paulo Freire pode, já em 1968, escrever: “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”<sup>11</sup>. Cria corpo uma juventude crítica, com uma grande

---

<sup>9</sup> Platão apud AHLERT, 1999, p. 27.

<sup>10</sup> PERALVA, Angelina. Jovens como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. n. 5-6, 1997, p. 15-24.

<sup>11</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 79.

presença política e social. Nas cidades e na roça, nas universidades e nas escolas secundaristas surgem movimentos, ligados ou não a Igrejas e organizações populares, com uma metodologia própria, com grande destaque para o protagonismo juvenil.

Na pesquisa, os entrevistados citam a escola como referência a partir de onde é possível “tomar impulso” para novos vãos. A grande maioria (60%) afirma que a escola é muito importante para a vida da comunidade e 80% dos entrevistados gostariam de continuar os estudos, ou que alguém da sua família a continuasse.

## **Dédalo e Ícaro na educação da Brás**

A sociedade moderna se instalou com um novo pilar filosófico, “penso, logo existo” (Descartes), desestruturou o pensamento comunitário coletivo e centralizou a vida humana no indivíduo e na capacidade de cada um construir sua própria felicidade. Surge a razão instrumental que permite o desenvolvimento de técnicas cada vez mais sofisticadas para o aprimoramento das forças produtivas, do controle sobre a natureza e da sua transformação. Três grandes deslocamentos caracterizam o surgimento da consciência moderna: revolução copernicana, descoberta das Américas e a Reforma protestante. Há um visível desprezo pelo conhecimento mitológico, que perde o sentido, porque lhe “foi tirado o sangue” e se instala um conhecimento técnico-científico.

Percebe-se uma reorganização produtiva e societária, pautada por intensas e abrangentes inovações científicas, pela aceleração tecnológica e pelos saltos tecnológicos, cada vez maiores em um menor espaço de tempo<sup>12</sup>. Pedro Demo,

---

<sup>12</sup> DREIFUSS, René Armand. *A Época das Perplexidades: mundialização, globalização e planetarização: novos paradigmas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 44.

escrevendo sobre o Conhecimento Moderno<sup>13</sup> chama a atenção para uma obsessão inovadora do conhecimento moderno, afirmando que “o etos do conhecimento pós-moderno é tipicamente *desconstrutivo*”. E, faz uma dura crítica à arrogância do conhecimento científico: “a ciência sempre esteve ligada a certa arrogância, já que conhecer mais e melhor facilmente se torna tática de dominação e lucro”<sup>14</sup>.

Na Vila Brás, a escola é vista como esperança para sair da situação de pobreza em que se encontra a grande maioria. Nas entrevistas, destacam-se afirmações, como:

Gostaria muito que meus filhos continuem estudando. Acho a educação superimportante (Arlete da Vila Brás);<sup>15</sup>

Eu pretendo que meus filhos continuem. Que eles possam fazer da vida deles, o que eu não consegui (Marinete da Vila Brás);

Apesar da violência e de tudo, gostaria que meus filhos continuassem estudando. O estudo é fundamental (Tereza da Vila Brás).

Mas uma mãe, constatando a realidade, denuncia engodos ainda presentes nos discursos oficiais. Percebe que não pode continuar sonhando, e fecha-se na dura realidade.

Eu gostaria que os filhos continuassem os estudos. Mas vem a hora em que não dá mais e vão ter que parar. Tem hora em que não tem mais condições. Faltam calçados, falta alimento, faltam condições de pagar o transporte. Se o governo ajudasse, se o prefeito ajudasse seria possível para eles continuar. E teríamos bem mais engenheiros, enfermeiros e médicos. Mas eles não ajudam e os filhos dos pobres que não podem ter uma profissão. Meus filhos já poderiam fazer algum trabalho como fazer tiras para calçados, fazer sacolas, varrer rua ou outro qualquer para poder continuar os estudos. Eles gostariam muito continuar, mas sei que não podem mais. Eu acho que vão terminar o primeiro grau e talvez o segundo. Mas fazer faculdade não dá. A gente não fica sabendo das coisas que os filhos poderiam ter, como esta idéia de os pobre também poderem estudar

---

<sup>13</sup> DEMO, Pedro. *Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 17.

<sup>14</sup> DEMO, 1997, p. 89.

<sup>15</sup> Os nomes utilizados nessa pesquisa são fictícios.

(Pro-uni). A gente procura conversar com as pessoas daqui e pede ajuda da prefeitura. A comunidade tem que ir buscar a informação, pois esta não vem até aqui. (Bras\_Rosana).

A situação descrita denuncia a exclusão de muitas pessoas. Fechar-se nessa realidade significaria para essas pessoas viver na ilusão. A Dédalo é atribuída a invenção do alicate e da serra e é reconhecido por sua habilidade na pintura de afrescos, modelagem de esculturas e na arquitetura. Mas como “professor”, Dédalo é um fracasso porque é incapaz de reconhecer o mérito de seu “aluno”, ao qual ensinou os seus segredos, e que, por sua vez, inventou a serra e a roda do oleiro (seu sobrinho – morto por Dédalo por causa de ciúme). Também a Ícaro (seu filho) é incapaz de orientar corretamente sobre o uso das asas de “voar sempre no meio dos ares”, especialmente por causa dos perigos. O conselho não foi assimilado, resultando na morte trágica do filho.

Nessa perspectiva, a pedagogia de Dédalo abre um mundo de questionamentos para a educação. Seria sua orientação a Ícaro uma projeção de seu próprio relacionamento com o “meio ambiente”? Teria Dédalo seguido o caminho do meio, o justo meio entre os dois extremos como no trato com Minos e Pasife? Seria Dédalo não um revolucionário eloqüente, mas um diplomata habilidoso? Ou seria justamente o contrário: por ter sempre seguido o acaso, Dédalo desejava equilíbrio para seu filho que, seguindo o padrão paterno, acabou indo alto demais e morrendo? Dédalo parece ser o professor, capaz de inventar mil e uma coisas, conforme determinações superiores. O labirinto (a escola!?) não lhe causa medo, pois conhece o segredo de cada uma daquelas paredes. Não tem pena, tampouco, das pessoas que nele entram e não saem, afinal ele está apenas cumprindo ordens! O que poderia ele mesmo fazer? O melhor é não se envolver com nada disso. Acredita que a sua produção é, indubitavelmente, neutra. Não lhe compete definir que rumos vão ser dados às suas criações...

A pesquisa revela que para a grande maioria dos entrevistados a educação formal (escolar) tem uma importância decisiva. Questiona a sua falta de inserção na vida das pessoas e da comunidade. Afirmam uma educação que esteja num processo constante de criação compartilhada com o acaso, sem paradas para instrução. Concordam que, mais do que controlar o ambiente, se torna necessário aprender o movimento do ambiente não como quem o observa de fora, mas como quem o inventa de dentro. Neste sentido, a escola deveria estar aberta ao novo que sempre surge na vida da comunidade e entre as pessoas nela envolvidas. Talvez a afirmação de Pedro Demo<sup>16</sup> ajude a situar melhor as pessoas abertas ao novo e dispostas ao diálogo: “Se existe alguma coisa permanente em ciência, é a provisoriedade de seus resultados, ou a perenidade do questionamento”.

## Considerações finais

A partir do mito sobre Dédalo, é possível afirmar com Freire<sup>17</sup> “o inacabamento ou a inconclusão do homem”. Ícaro “morreu antes do tempo”, como acontece com tanta crianças e jovens do mundo moderno. São as tragédias de um mito que se atualiza, pois as necessidades são muitas e as pessoas precisam continuar voando “sempre no meio dos ares”. E, o equilíbrio é uma arapuca, pois o desejo de alcançar vãos mais altos faz parte do ser pessoa.

As invenções de Dédalo aguçam a curiosidade e levam ao desenvolvimento das aptidões para superar os limites que, a cada momento, são impostos. A criatividade leva ao descobrimento de novas formas de se relacionar com as coisas e com as pessoas. Parece que a natureza contribui para o aperfeiçoamento das técnicas, respeitando suas tramas (mas a natureza também traz seus perigos – pode umedecer ou queimar as asas). Por isso é importante possibilitar uma educação que favoreça o

---

<sup>16</sup> DEMO, 1997.

<sup>17</sup> FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 27.

desenvolvimento de aptidões humanas, não somente técnicas. Educação que tenha presente o cosmos como um todo o qual necessita de cuidados para a convivência harmônica entre as pessoas e o meio ambiente.

A todos, urge oferecer uma formação integral (técnica e humana) com o desenvolvimento pessoal, humano-afetivo, espiritual e tecnológico para que possam crescer como pessoas e participar do desenvolvimento da humanidade em todos os seus sentidos, apesar das ameaças (tragédias) que persistem entre as pessoas.

Com uma educação de qualidade (técnica e humana), o desafio é apreender, em meio aos riscos, a superar os limites (prisões) que continuamente são colocados. E, para superar esses limites, é fundamental ter prudência, evitando os excessos e não desprezando os perigos, mas buscando superar as limitações que para os migrantes são tantas. O sonho da dignidade e de uma vida melhor pode ser a força para superar muitos obstáculos, quando assumidos em conjunto.

Ainda é importante destacar que é fundamental valorizar os conhecimentos adquiridos na caminhada, transmitidos historicamente através de mitos e, ou conhecimentos técnicos e científicos. Sobre tudo, como migrantes é necessário criar referências positivas para crescer como pessoas, tendo estrutura para evitar males e perigos que ameaçam a todos.

## Referências

AHLERT, Alvori. *Eticidade da Educação: o discurso de uma práxis solidária/Universal*. Ijuí (RS): Ed. UNIJUÍ, 1999 (col. Fronteiras da educação).

DEMO, Pedro. *Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1997.

DREIFUSS, René Armand. *A Época das Perplexidades: mundialização, globalização e planetarização: novos paradigmas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

# Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia  
Volume 11, set.-dez. de 2006 – ISSN 1678 6408

---

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

IBAM. Urbanização de assentamentos informais e regularização fundiária América Latina. In: UN-HABITAT. *ForoIberoamericano e do Caribe sobre Melhores Práticas*. Rio de Janeiro, 2004. (Série: Aprendendo da Inovação, n. 4).

LARANGEIRA, Adriana (Coord.). *Estudo de Avaliação da Experiência Brasileira sobre Urbanização de Favelas e Regularização Fundiária*. Rio de Janeiro: IBAM/Banco Mundial. 2002. 3 v.

MÉNARD, René. *Mitologia Greco-Romana*. Tradução de Aldo Della Nina. São Paulo: Opus, 1991.

PERALVA, Angelina. Jovens como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. n. 5-6, 1997, p. 15-24.

SAULE JUNIOR, Nelson. Direitos humanos à moradia adequada e à terra urbana. In: RODRIGUEZ, Maria Elena (coord.) *Relatórios Nacionais em Direitos Humanos Econômicos Sociais e Culturais – informe 2004*. Disponível em: <[www.ibam.org.br/publique/media/volume1.pdf](http://www.ibam.org.br/publique/media/volume1.pdf)>. Acesso em: 15/07/2006.